



Avaliação do impacto das políticas chinesas do Novo Normal no setor de vestuário da ASEAN: uma análise da dinâmica comercial e industrial

Lídia Magyar¹

Resumo: Considerando as políticas de industrialização do Novo Normal na China e os acordos de livre comércio entre a China e a ASEAN, este estudo analisa os efeitos dessas estratégias no setor de vestuário da ASEAN e na dinâmica comercial regional. Para isso, utilizam-se dados da UN Comtrade (2014-2022) e aplicam-se análises exploratórias e descritivas dos fluxos comerciais, além do cálculo de indicadores de competitividade, como o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVC). Em outras palavras, o estudo examina a evolução dos indicadores de comércio e competitividade da China e da ASEAN no setor de vestuário ao longo do período do Novo Normal. Os resultados indicam que alguns países da ASEAN têm se beneficiado dessas políticas, registrando aumento das exportações e melhoria nos índices de competitividade.

Palavras-chave: Política industrial; Vantagens comparativas; Indústria têxtil; China; ASEAN.

Código JEL: L67, 053

Área Temática: 2.2 Comércio internacional e cadeias de valor

Assessment of the impact of China's New Normal policies on ASEAN's apparel sector: an analysis of trade and industrial dynamics

Abstract: Considering the industrialization policies of China's New Normal and the free trade agreements between China and ASEAN, this study analyzes the effects of these strategies on ASEAN's apparel sector and regional trade dynamics. To this end, data from UN Comtrade (2014-2022) are used, applying exploratory and descriptive analyses of trade flows, as well as the calculation of competitiveness indicators, such as the Revealed Comparative Advantage Index (RCA). In other words, the study examines the evolution of trade and competitiveness indicators for China and ASEAN in the apparel sector throughout the New Normal period. The results indicate that some ASEAN countries have benefited from these policies, showing an increase in exports and improvements in competitiveness indices.

Keywords: Industrial policy; Comparative advantages; Textile industry; China; ASEAN.

¹ Doutoranda em economia pelo Cedeplar/UFMG. E-mail: lidia.magyar@gmail.com.

1. Introdução

A indústria têxtil e de vestuário tem sido, desde os anos 1950, um dos grandes pilares da industrialização orientada à exportação no mundo. Desde então, a produção do setor tem passado por algumas migrações e todas elas envolvem a Ásia. A primeira migração da indústria neste período foi dos Estados Unidos para o Japão nos anos 1950 e começo dos anos 1960, quando as exportações japonesas substituíram a produção estado-unidense. A segunda mudança foi do Japão para os tigres asiáticos (Hong Kong, Taiwan e Coreia do Sul), o que permitiu a dominância global deste grupo nas exportações de tecido e vestuário nos anos 1970 e 1980. A terceira migração, nos anos 1980, foi para a China continental, que domina o *market share* global até os dias atuais (Frederick et al. 2011; Gereffi, 1999).

A China, especialmente, passou a tratar o setor como altamente estratégico a partir de 1978, no contexto de sua abertura comercial. Desde então, rapidamente a sua produção cresceu, consolidando o país como o principal produtor têxtil do mundo (Zhang et al. 2015). Contudo, desde os anos 2000, o Estado chinês passou a adotar uma política mais focada na produção de bens de maior valor agregado. Em 2014, Xi Jinping anunciou que a China estava em seu “novo normal”, uma fase de crescimento caracterizada como mais moderada, sustentável e focada em setores de alta intensidade tecnológica. Ao mesmo tempo, as relações entre a China e as nações do Sudeste Asiático, representadas pela ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático) têm apenas se fortalecido nos últimos anos. Desde 2009, a China é o principal parceiro comercial da ASEAN e, desde 2020, a ASEAN ocupa posição equivalente para a China (ASEAN Secretariat, 2024).

Dessa forma, devido ao alto grau de integração econômica e comercial entre a China e a ASEAN, é possível inferir que a nova fase de política industrial chinesa afeta diretamente não apenas a sua indústria têxtil nacional, mas também a regional, principalmente de países mais próximos, como os da ASEAN. Contudo, a literatura tem dado pouca atenção aos efeitos das políticas do novo normal e do fortalecimento das relações comerciais na cadeia têxtil regional. Enquanto já foi amplamente explorado os fatores que fizeram da China a líder mundial no setor têxtil e as transformações estruturais que o país tem enfrentado desde a adoção do “novo normal”, estudos sobre os efeitos das novas políticas chinesas e dos acordos comerciais vigentes na região sobre o setor têxtil do Sudeste Asiático ainda são incipientes.

Diante disso, a proposta deste trabalho é investigar como as políticas industriais, comerciais e estratégias nacionais chinesas do Novo Normal têm atuado no setor de vestuário, com foco na dinâmica entre a China e os países da ASEAN (Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Singapura, Tailândia e Vietnã). Em outras palavras, diante das mudanças no papel da China na cadeia global de valor de vestuário, caracterizadas por uma redução de sua participação relativa na sua pauta exportadora e uma crescente integração dos países do Sudeste Asiático, este estudo busca entender como essas transformações refletem a integração regional e a redistribuição da produção. Para isso, responderemos as seguintes perguntas: i) como as exportações e importações de vestuário entre a China e ASEAN evoluíram desde a implementação das políticas de industrialização do Novo Normal? ii) desde a reestruturação da economia chinesa no Novo Normal, as vantagens comparativas nos produtos de vestuário entre a China e a ASEAN se alteraram?

A análise deste trabalho será focada na indústria de vestuário da China e dos países da ASEAN, durante no período do novo normal chinês. Esta seleção é justificada por diversos motivos. A indústria têxtil não só é uma das mais antigas do mundo², como também é organizada globalmente, através de uma dispersa cadeia de produção. Frequentemente o setor é associado ao início da trajetória industrial de países menos desenvolvidos e a história recente mostra que ele foi importante para a acumulação de capital de países asiáticos. Como a indústria têxtil e de vestuário chinesa se encontra em um período de transformações, impactando diretamente seus vizinhos do Sudeste Asiático, se torna relevante investigar em termos de índices quantitativos esses efeitos nos últimos anos.

Este estudo contribui para a literatura ao integrar análise quantitativa de vantagem comparativa com uma abordagem qualitativa contextualizada, explorando como as políticas chinesas do novo normal e os acordos comerciais China-ASEAN remodelaram o setor têxtil regional. Enquanto trabalhos anteriores frequentemente se limitam a mensurar indicadores sem vincular resultados a políticas industriais ou à trajetória histórica do setor, esta pesquisa avança ao examinar a evolução desses indicadores desde 2014

²A indústria têxtil é produto da Primeira Revolução Tecnológica, iniciada na Inglaterra em 1771 (Perez, 2010).

(marco do Novo Normal), articulando-os com as transformações na estrutura produtiva chinesa e seus reflexos nos parceiros da ASEAN. Além de atualizar os dados, o presente trabalho oferece uma análise crítica sobre como e por que políticas comerciais e industriais são capazes de moldar vantagens competitivas. Essa abordagem híbrida — que une análise de dados e fundamentos teóricos de políticas industriais — preenche lacunas ao demonstrar que a reconfiguração chinesa não é apenas um fenômeno doméstico, mas um elemento de reordenamento produtivo regional.

Para atingir os objetivos deste trabalho, ele está organizado em quatro seções principais, além desta introdução e das considerações finais. Na segunda seção, será realizada uma revisão da literatura, abordando o papel das políticas industriais e dos acordos comerciais, bem como os principais estudos relacionados ao comércio de vestuário entre China e ASEAN. Na terceira seção, serão descritas a base de dados e a metodologia utilizadas para analisar a dinâmica atual do setor de vestuário entre os dois blocos. Na quarta seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos, com foco nas tendências observadas no comércio bilateral e global. Por fim, na quinta seção, será feita uma discussão aprofundada dos resultados obtidos, contextualizando-os à luz da literatura revisada e destacando suas implicações para a região.

2. Revisão da literatura

2.1 Fundamentos teóricos das políticas industriais: a abordagem schumpeteriana e a especificidade do setor têxtil

A literatura neo-schumpeteriana de linhagem evolucionária assume que, em um mundo competitivo repleto de incertezas, as firmas procuram tomar decisões que refletem uma rotina voltada aos seus objetivos (principalmente, expansão no mercado em que atuam). Esta rotina reflete um estado de mudança permanente do comportamento da firma, que busca se adaptar de maneira dinâmica às pressões do mercado ao longo do tempo. O progresso técnico é concebido como algo custoso e que exige tempo, experiência e aprendizado. Assim, as diferenças tecnológicas entre os países e suas distintas capacidades de inovação explicam em grande parte as causas e o fluxo de comércio, além de seus respectivos níveis de renda. Esta abordagem evolucionista possui implicações de políticas industriais. Nela, entende-se que as políticas industriais modernas devem se pautar por mecanismos de intervenção governamental. Ou seja, o Estado deve criar as condições para capacitar os trabalhadores, induzir gastos em P&D e fortalecer as instituições que facilitem a adoção de inovações (Nassif, 2005).

Esta percepção está complementada de acordo com as postulações de Andreoni et al (2019) e Suzigan (2014). Estes autores argumentam que implementar uma indústria em um país não é uma tarefa nada simples. Pelo contrário, o sucesso de uma política industrial depende de uma coordenação estratégica, isto é, um processo institucionalmente estruturado, que pode ser moldado usando diferentes modelos organizacionais. Caso não haja uma coordenação ou discussão de um projeto de política industrial que alinhe e articule as políticas – como as de comércio exterior, financiamento, promoção e incentivos, competição e regulação – em torno de uma visão comum, dificilmente ela obterá êxito. Pelo contrário, ela provavelmente resultará em uma experiência frustrada. Estas políticas devem se complementar e devem ser realizadas de maneira sistêmica. Suzigan (2014) resume que é preciso ter não só coordenação de políticas, mas a orientação estratégica e a presença de instituições capacitadas também são fundamentais para o êxito.

Formular uma política industrial parte da necessidade imprescindível de se fazer escolhas, inclusive de quais setores são estratégicos ou não para o país em determinado momento. Por isso, os neo-schumpeterianos não descartam a possibilidade de uma política industrial ser formulada de modo a focar em um setor considerado estratégico, seja pelo motivo que for (amplo mercado externo potencial, alto valor adicionado, maiores efeitos de encadeamento para frente e para trás, etc.) (Suzigan, 2014; Nassif, 2005).

Procurando construir uma teoria que abarque a produção de tecnologia e a diversidade setorial, Pavitt (1984) formula sua taxonomia de padrões setoriais de mudança tecnológica. Ao perceber que os setores industriais possuem características diferentes, fica claro que eles demandam estratégias de política diferentes. Assim, o autor busca, com esta taxonomia, ajudar formuladores de política preocupados com a natureza e o impacto da mudança tecnológica a nível setorial. A partir de sua contribuição, o setor têxtil passa a ser caracterizado pela literatura como um setor de mudança tecnológica predominantemente

exógena. Isso significa que o seu padrão de adoção de inovações tecnológicas é externa aos esforços de pesquisa e desenvolvimento das firmas que compõem o setor. Os principais avanços tecnológicos da indústria têxtil decorrem de esforços em desenvolvimento tecnológico de outros setores, como a química e de máquinas e equipamentos (Pavitt, 1984).

Dessa forma, sabe-se que as empresas têxtil e de vestuário geralmente destinam recursos relativamente baixos para as atividades em P&D. Como os esforços destas firmas estão voltados em grande parte para o estabelecimento de projetos em conjunto com seus principais fornecedores, uma das políticas que mais impactam diretamente este setor são as comerciais. Van Klaveren et al. (2018) afirmam que as políticas e os acordos comerciais contribuíram substancialmente para a estruturar internacionalmente a produção e comércio de produtos têxteis.

Entre os acordos comerciais mais importantes feitos em relação ao setor em sua história recente foi o Acordo Multi-Fibras (AMF). Assinado em 1974, o acordo regia as negociações bilaterais e impunha restrições quantitativas com o intuito de proteger as indústrias têxteis nacionais de países desenvolvidos (EUA, Canadá e alguns países europeus) da competição vinda dos países em desenvolvimento (como Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan, China e Índia). Este acordo contrariava o princípio da Não Discriminação do GATT, já que foi especificada a quantidade que o país importador poderia aceitar de determinados países exportadores. Entre os países em desenvolvimento, as restrições eram diferentes. As menores restrições eram para países menos desenvolvidos (os chamados *Least Developed Countries* (LDCs)), de forma que o acordo incentivou uma maior integração de alguns deles na cadeia de produção, como Bangladesh e Camboja, e acabou por distribuir a produção em países que sofriam menor restrição. Na Rodada Uruguai do GATT, o desmantelamento dessas cotas começou a ser negociado. A partir de 1995 o AMF passou a ser eliminado gradualmente, até que em 2005 todas as restrições foram retiradas (Van Klaveren et al., 2018; WTO).

Como é possível notar, o caso do AMF ilustra como os acordos comerciais possuem alta capacidade de moldar e estruturar a organização produtiva internacional da cadeia têxtil, promovendo mudanças significativas na distribuição geográfica da produção.

2.2 Cadeias Globais de Valor, Estado e a ascensão chinesa no setor têxtil

Os princípios da perspectiva neo-schumpeteriana que a política industrial deve ser coordenada e conduzida através de uma estratégia nacional também podem ser aplicados no caso da indústria têxtil. Entre outros desafios, a estratégia de uma política industrial que visa implementar o setor têxtil em um país precisa ponderar a sua inserção dentro da dinâmica do mercado internacional. Esta dinâmica é fortemente marcada pela organização de cadeias globais de produção, comercialização e distribuição dos produtos. Nesta complexa rede mundializada de produtores, os principais coordenadores são grandes compradores internacionais detentores de ativos importantes (como marcas ou canais de distribuição) (Garcia et al. 2009). Estes coordenadores possuem o papel de descentralizar a rede de produção em diversos países (geralmente em desenvolvimento) exportadores, permitindo que eles se aproveitem dos benefícios associados à organização produtiva global (Gereffi, 1999).

Nesse contexto, ao estudar o caso da indústria têxtil, o conceito de Cadeias Globais de Valor (CGVs) é indispensável. Com ele, é possível compreender melhor o processo de criação, manutenção e elevação do valor do produto a nível global. A CGV cobre todas as atividades que são pré-requisito para a fabricação do bem (Rodil-Marzábal et al, 2022). A cadeia de valor coordenada pelos grandes compradores descrita anteriormente, típica do setor de tecidos e vestuário, ficou conhecida na literatura como *buyer-driven chains* (Gereffi, 1999).

A abordagem de CGV permite analisar as indústrias sob duas perspectivas: a de governança das firmas dentro da cadeia e do papel dos Estados na melhoria da posição do país dentro da cadeia. Como é possível progredir na cadeia de valor, isto é, internalizar uma produção de maior valor agregado, Rodil-Marzábal et al. (2022) apontam que as CGVs permitem aos países em desenvolvimento acelerar sua industrialização ao se integrarem em cadeias já existentes, sofisticando seus bens e ampliando seu leque de produtos.

Portanto, o Estado possui um papel significativo na formação, constituição e reestruturação das firmas nas CGVs. O Estado pode, através de regulação e políticas, determinar a localização regional da

indústria (dentro ou fora do país) e a posição do país na cadeia (Zhu et al., 2014).

O setor têxtil é frequentemente visto como uma porta de entrada para a industrialização (via CGVs) de países em desenvolvimento devido ao seu emprego intensivo de mão de obra. Apesar de o mercado ser extremamente competitivo, alguns estudos mostram como é possível promover industrialização através do setor têxtil. Graças aos seus efeitos desencadeadores para frente e para trás, este setor pode gerar uma trajetória de industrialização inicialmente baseada em vantagens de custo de mão-de-obra (Rodil-Marzábal et al, 2022). Dessa forma, é um consenso há muitos anos na literatura que uma das características mais marcantes da determinação das relações econômicas no setor têxtil é a constante busca por custo de mão-de-obra barata (van Klaveren et al. 2018).

Contudo, o fator salarial não é o único. Ao procurar responder à pergunta “por que a China e os países asiáticos estão superando o México e os países da América Central na cadeia global de valor têxtil?”, Frederick et al. (2011) se deparam com diversos motivos:

“China’s government has provided an ongoing growth platform through high levels of public investment in infrastructure and workforce development. Similar to China, Mexico’s policies have kept wages low, but without the level of public investment in infrastructure seen in China. China and its East Asian neighbours have pursued a regionally integrated development strategy that has relied on China’s unmatched economies of scale and scope in textile and apparel production, as well as the opportunities provided by China’s large domestic market to climb the value into the higher value activities” (Frederick et al., 2011).

Em outras palavras, o papel do Estado chinês foi fundamental na implementação bem-sucedida dessa indústria no país: não só nos incentivos à integração regional, mas também nos investimentos para desenvolvimento do maquinário, operações de logística e economias de escala. Todos esses fatores influenciam na sua maior produtividade e, portanto, maior competitividade.

O desempenho excepcional chinês na produção de bens intensivos em trabalho (como, por exemplo, vestuário) também pode ser associado com a organização industrial e estrutura espacial típicas das zonas costeiras. Nessas zonas há uma divisão do trabalho e especialização setorial que formam “*supply chain cities*”, isto é, localizações eficientes especializadas e centros dinâmicos de produção intensiva apoiada pela aglomeração de economias locais (Zhu et al., 2014).

Em suma, graças às políticas de reforma promovidas pelo Estado chinês desde 1978, o setor industrial passa a liderar a taxa de crescimento do PIB e do emprego no país. A partir de 1983 e até 1988, a indústria leve e voltada à produção de bens de consumo, em particular, a indústria têxtil e de vestuário, liderou o crescimento econômico do país (Medeiros, 1999). Dessa forma, a China é a maior exportadora mundial de produtos têxteis em geral desde 1995 e de vestuário desde 1992. A entrada na OMC em 2001 impulsionou mais ainda as exportações do país e dominação no setor. O período de 1978 à 2000 assistiu a um crescimento médio anual do setor de 14%. Em 2001, um quinto do mercado era de produtores chineses. A melhora no padrão de vida dos chineses e sua a consequente crescente demanda por vestuário também permitiu que os fornecedores chineses pudessem aumentar seu “market-share” global (Zhu et al., 2014).

Todavia, desde os anos 2000 a China se encontra em um novo período da sua economia, cujas características serão discutidas a seguir.

2.3 O setor têxtil no “Novo normal” chinês

Em 2014, o presidente chinês Xi Jinping chamou a nova fase de crescimento da China de “novo normal”, marcada por um crescimento menor, mais sustentável e focado na melhor distribuição de bens. Apesar de este período ter sido propriamente nomeado em 2014, algumas tendências de mudanças na estrutura produtiva chinesa já podiam ser encontradas antes, como apontadas por pesquisas de meados dos anos 2000 (Chi et al. 2006; Bennett et al., 2007). Nesta fase, o foco da produção industrial passou a ser em produtos de maior valor agregado e em cultivar marcas chinesas. Isso significa que a China passou a adotar uma estratégia focada em produtos mais intensivos em tecnologia e no setor de serviços (Angang, 2015).

Nesse mesmo sentido, os salários chineses também tem sofrido mudanças: Hou et al. (2017) afirma que, de 2009 à 2014, os salários reais chineses cresceram em média 11,4% ao ano. Este aumento impacta diretamente o setor têxtil, fazendo com que ele venha empregando cada vez menos pessoas. No período de 2009 a 2014, foi o setor que mais reduziu o seu número de empregados, com uma queda de 2,58% (Hou et

al., 2017, p. 20).

Alguns estudos indicam que o setor têxtil chinês estaria se deslocando para as regiões mais centrais, indo sentido oeste, em busca de mão de obra, infraestrutura e custos operacionais mais baratos. Enquanto o emprego no setor têxtil nas regiões costeiras correspondia a 88,8% do total em 2005, essa porcentagem caiu para 75,9% no final de 2014. No mesmo período, a participação das regiões centrais e do oeste praticamente triplicou, indicando uma possível realocação de setores mais intensivos em trabalho para essas áreas. Hou et al. (2017) ressalta que o emprego na região costal apresentou crescimento negativo entre 2009 e 2014. Apesar disso, os autores recordam que, de 2005 à 2011, o valor de exportações de bens têxteis e de vestuário aumentou, enquanto a participação relativa destes produtos na pauta exportadora da região costal diminuiu (passando de 92,2% em 2005 para 86,3% em 2011) (Hou et al., 2017).

Outros estudos apontam tendências semelhantes: Zhu et al. (2014) destacam que, de 1994 a 2010, o valor exportado em bens têxteis e vestuário aumentou, ao mesmo tempo que a participação relativa desses produtos na pauta exportadora diminuiu. Embora o valor exportado tenha quadruplicado entre 2000 e 2010, a participação relativa dessas exportações caiu de 14,9% para 9,5%.

Em suma, a indústria têxtil chinesa começou a passar por diversas transformações desde o novo normal. Zhu et al. (2014) resume as tendências do setor de vestuário em quatro: i) *Bring In* (incentivar investimentos diretos estrangeiros na China) ii) *Go Up* (melhorar a posição na cadeia de valor, produzindo bens de maior valor agregado); iii) *Go West* (intensificar a regionalização ou o deslocamento da produção para províncias centrais e ao oeste na busca por custos de operação mais baratos); e por fim, iv) *Go Out* (e realocação da produção para outros países fora da China). Todas estas tendências são, na verdade, políticas industriais de Estado chinês. Ou seja, elas estão sendo realizadas com apoio institucional (Zhu et al., 2014).

A última tendência é particularmente relevante para o presente trabalho, pois essa realocação frequentemente cria oportunidades para outros países em desenvolvimento, especialmente no Sudeste Asiático. Ela faz parte de uma política institucionalizada, escrita formalmente no decido plano quinquenal de 2001 e ratificado no décimo primeiro plano de 2005 como parte de uma estratégia nacional de trabalho em conjunto com as políticas de *Bring In* (Zhu et al., 2014).

Ou seja, o governo central chinês e as regiões administrativas costeiras apoiam a terceirização (*outsourcing*) das partes intensivas em trabalho da cadeia de valor como forma de lidar com os problemas financeiros e sociais que surgem a partir delas. As chamadas políticas de *Go Out* possuem cinco componentes: i) utilizar matérias primas que são escassas na China através de cooperação e investimento no exterior, de forma a melhorar a estrutura produtiva chinesa e a alocação de recursos; ii) aumentar investimento direto estrangeiro chinês; iii) melhorar o sistema de suporte financeiro, de seguro, taxação e outras administrações para investimentos estrangeiros chineses; iv) cooperar com países adjacentes em termos econômicos e políticos e encorajar a regionalização de empresas e investimentos chineses; e, por fim, v) promover reconhecimento de marcas de empresas chinesas no mercado global (Zhu et al., 2014)³.

Além dessas orientações estratégicas, a China também lançou algumas recomendações aos empresários do setor têxtil e vestuário no começo dos anos 2000. O Ministério do Comércio lançou em 2003 o “*Guiding Directory in Country for China’s Investment of Textile and Apparel Processing Trade in Asia*” e em 2004 o Ministério do Comércio e o Ministério de Relações Exteriores lançou o “*Guiding Directory in Country and Industry for China’s FDI*”. Estes “*Directories*” recomendam destinos específicos pra terceirização da produção de vestuário, sendo seis deles na Ásia (Paquistão, Nepal, Tailândia, Vietnã, Cambodia e Turquia), oito na América Latina (México, Colômbia, Trindade e Tobago, Jamaica, Chile, Argentina, Equador e Uruguai) e seis no sudeste africano (Kênia, Etiópia, Madagascar, Lesoto, Namíbia e Botsuana) (Zhu et al., 2014).

Como resultado, até 2009, quase mil empresas de vestuário chinesas tinham montado fábricas no Camboja e Vietnã. Os países receptores do Sul e Sudeste Asiático têm sido as principais preferências para os mercados europeus e estado-unidense firmarem acordos comerciais, visando fortalecer as indústrias nacionais frente a competição chinesa (Zhu et al., 2014).

³ Vale lembrar que, segundo os autores, a estratégia *Go Out* não é a principal do governo central. O maior foco está na estratégia de *Bring In*. Mesmo assim, os investimentos diretos chineses no exterior cresceram a uma taxa anual média de 36% entre 2002 e 2005 (Zhu et al., 2014).

Convém assinalar que os países do Sudeste Asiático já eram participantes desta cadeia muito antes da ação de políticas do novo normal. Como observado por Gereffi (1999):

“When the most competitive apparel exporters, Hong Kong, South Korea, Taiwan, and later China, reached their maximum levels under the quota system, they set up factories in less restricted nearby countries. The clothing assembly processes were sub-contracted to low-wage developing countries throughout the Asian Pacific region and elsewhere that had unused export quotas, such as Bangladesh, Sri Lanka, and Vietnam” Gereffi (1999).

Contudo, após a adoção das políticas do novo normal na China, este processo se intensificou, e o papel de países do Sudeste Asiático passou a ser ainda mais relevante na cadeia regional. Esta relevância é mostrada pelos acordos comerciais envolvendo a China e os países da ASEAN e pela consequente intensificação das relações comerciais entre estes blocos. O primeiro acordo a ser mencionado é o CAFTA (*China-ASEAN Free Trade Area* ou Área de Livre Comércio entre a ASEAN e a China). A estrutura inicial do acordo foi assinada em 2002, com a intenção de estabelecer até 2010 uma área de livre comércio entre os seis primeiros signatários além da China (Indonésia, Tailândia, Malásia, Singapura, Filipinas e Brunei). Em 2010, outros países de menor renda (Cambodja, Laos, Myanmar e Vietnã) entraram no acordo, com a meta de atingir a mesma política de tarifa dos países anteriores até 2015 (ASEAN-China Free Trade Area Business Portal, 2024, ASEAN Briefing, 2024).

Entre as motivações para a implementação deste acordo do ponto de vista chinês, destacam-se a proximidade geográfica, a disponibilidade de mão de obra barata e as semelhanças culturais entre a China e os países da ASEAN. Essas condições tornaram a região um destino atrativo para investimentos chineses. Além disso, diante do lento progresso nas negociações de cooperação econômica com Coreia do Sul e Japão, o CAFTA passou a ser tratado como uma prioridade estratégica para a expansão da China na região. Os líderes chineses também reconheciam que a China poderia ser percebida como uma "ameaça" pelos países da ASEAN e, por isso, esperava-se que o CAFTA ajudasse a transformar essa dinâmica competitiva em uma relação de interesses compartilhados. Outra razão para a implementação do acordo foi a necessidade de reduzir a dependência das economias ocidentais. Após o episódio da Praça Tiananmen, a China enfrentou sanções econômicas, o que levou seus líderes a reforçar a importância de diversificar os destinos de exportação (Chiang, 2018).

Sendo assim, entre 2005 e 2019, o comércio da China com a ASEAN quase quadruplicou. Os investimentos estrangeiros chineses na região também aumentaram significativamente. Como dito anteriormente, a China se tornou o principal parceiro comercial da ASEAN em 2009. Já a ASEAN se tornou o principal parceiro comercial da China em 2020. O déficit comercial da ASEAN com a China aumentou em 10 vezes de 2010 a 2019 (ASEAN Secretariat, 2024; ASEAN-China Free Trade Area Business Portal, 2024). Em 2022, a China e a ASEAN anunciaram o início de novas negociações do acordo, de maneira a ampliar o livre comércio, os investimentos e abranger cooperações tecnológicas em áreas como economia digital e desenvolvimento verde. As negociações foram encerradas em 2024 (XINHUA NEWS, 2024).

Ademais, a implementação do CAFTA em 2005 coincidiu com o fim do Acordo Multi-Fibras, marcando o início de um período de mudanças significativas no comércio global de vestuário. Segundo Frederick et al. (2015), desde então, as exportações de vestuário do Vietnã e da Indonésia para os Estados Unidos apresentaram um crescimento notável. Os autores, ao analisar dados de 2000 a 2013, identificaram que os países do Sudeste Asiático foram que mais se beneficiaram desse cenário, com destaque especial para o Vietnã.

O segundo acordo a ser citado é o *Regional Comprehensive Economic Partnership* (RCEP). Assinado após oito anos de negociação em novembro de 2020, trata-se de um acordo para a implementação de uma área de livre comércio entre os países signatários. Entrou em vigor em janeiro de 2022 para alguns países e em junho de 2023 para todos os países signatários, sendo eles da região Ásia-Pacífico: Austrália, Brunei, Cambodja, China, Indonésia, Japão, Laos, Malásia, Myanmar, Nova Zelândia, Filipinas, Cingapura, Coreia do Sul, Tailândia e Vietnã. A redução de tarifas promove condições favoráveis para promover maior circulação econômica interna e reduzir a dependência dos países nos EUA (Yang et al., 2024).

Este acordo é particularmente interessante para o setor têxtil e de vestuário pois entre os países

signatários está a China, o maior exportador do mundo, e alguns outros países com uma participação relativa significativa, como Vietnã, Indonésia e Myanmar. Alguns estudos já indicam que este acordo ajudou a China a se integrar mais na cadeia têxtil e vestuário regional, aumentando a competição do setor. Por outro lado, o acordo também incentiva a transferência de tecnologia e a cooperação entre os países-membros (Yang et al., 2024).

Os países signatários possuem significativas diferenças estruturais entre si. Na cadeia têxtil, Japão e Coreia destacam-se por sua atuação mais intensiva em tecnologia, como na fabricação de fibras sintéticas e máquinas têxteis. Enquanto isso, a China possui uma fabricação diversificada, enquanto os países da ASEAN concentram-se na confecção do vestuário. Apesar dessas diferenças, o acordo pode representar incentivos ao desenvolvimento econômico para os países da ASEAN, uma vez que, alinhados com a China, seu papel na fabricação de vestuário pode ser ainda mais fortalecido (Yang et al., 2024).

Na perspectiva das cadeias globais de valor, esses acordos contribuem para a eficiência das transações entre os países-membros, promovendo maior integração e competitividade no setor têxtil e de vestuário na região. No entanto, ainda resta a questão: como a literatura tem mensurado e debatido, por meio de métodos quantitativos, a competitividade da China e da ASEAN nesse setor?

2.4 O debate sobre vantagem comparativa no setor têxtil e a relação China-ASEAN: os resultados da literatura

A análise de competitividade nacional é um assunto complexo, cuja origem remonta a Adam Smith (1964) com sua teoria de vantagens absolutas, e a David Ricardo (1817) com a teoria das vantagens comparativas. Segundo Ricardo, a teoria das vantagens comparativas sugere que um país deve se especializar na produção e exportação de bens e serviços que ele é capaz de produzir com os custos de oportunidade mais baixos do que os seus parceiros. Por outro lado, o país deve importar bens e serviços que ele não é capaz de produzir de maneira tão eficiente. Atualmente, a literatura reconhece que os determinantes da competitividade da indústria de um país são influenciados por diversos fatores, como geográficos, tecnológicos, sociais, políticos e institucionais. Infelizmente, uma análise sistemática de todos esses fatores seria uma tarefa árdua e extensa, especialmente diante da escassez de dados e das dificuldades de mensuração quantitativa destes fatores. A alternativa encontrada pela literatura foi a análise de dados de comércio para verificar a competitividade de uma nação em uma indústria, produto ou grupo de produtos (Chi et al., 2006). Entre os indicadores mais utilizados para este fim, destaca-se o índice de vantagens comparativas proposto por Balassa (1965), que será mais detalhado na próxima seção. Por ora, é importante destacar que esse indicador, fundamentado no conceito ricardiano de vantagem comparativa, estabelece, através dos dados de comércio e de uma métrica bem definida, se um país possui vantagem comparativa em exportar um determinado produto (ou grupo de produtos) ou não, ou seja, os seus dados de comércio indicam se o país é especializado na exportação daquele produto ou não. Dessa forma, esta métrica auxilia na análise da competitividade de um país, pois se os seus dados mostram que ele possui vantagem comparativa em relação aos outros países, então ele é comparativamente mais competitivo na exportação daquele produto do que os outros.

No caso da competitividade das indústrias da China e da ASEAN, é útil revisar brevemente sua evolução recente. Segundo Chiang (2018), até os anos 1990, a China e os países do Sudeste Asiático não eram grandes parceiros comerciais, pois ambos eram, majoritariamente, exportadores de bens primários para países desenvolvidos. No entanto, a partir do final dos anos 1990, esse cenário começou a se transformar. As pautas exportadoras passaram a incluir cada vez mais produtos manufaturados, especialmente bens de informática e telecomunicações. Países da ASEAN, especialmente Singapura, Malásia, Filipinas e Tailândia, tornaram-se fornecedores de partes e componentes para a China, que realizava a montagem dos produtos finais. Ao mesmo tempo, a China exportava para a ASEAN bens intensivos em mão de obra, como tecidos, vestuário e calçados. Nos anos 2000, a China possuía vantagem comparativa nesses produtos em relação à ASEAN, mas não em setores como eletrônicos e produtos químicos. Dessa forma, o crescimento chinês, até então, não representava uma ameaça à especialização dos países da ASEAN. Pelo contrário, a China desempenhava o papel de montadora ("product assembler"), importando componentes de seus vizinhos do Sudeste Asiático.

A China expandiu sua atuação na produção de bens intensivos em tecnologia, ao passo que os

países mais avançados da ASEAN perderam competitividade nesse segmento. Isso permitiu que a China "subisse" na cadeia global de valor, consolidando sua capacidade produtiva e tecnológica, enquanto a ASEAN progredia de forma mais lenta. Até 2012, a China apresentava déficit comercial em relação à ASEAN, mas passou a apresentar superávit, sendo o Vietnã o principal responsável pelo aumento desse saldo. Em suma, com a evolução industrial chinesa, o padrão comercial se inverteu: a China passou a exportar componentes microeletrônicos para a ASEAN, que assumiu o papel de montadora. No entanto, Chiang et al. (2018), ao analisarem essa transformação, focam apenas nos setores de tecnologia da informação e comunicação, sem abordar o comportamento do setor têxtil e de vestuário nesse contexto.

Tongzon (2005), por sua vez, examina uma gama mais ampla de produtos da pauta exportadora chinesa e seus cálculos dos índices de vantagem comparativa confirmam as observações históricas de Chiang et al. (2018). À época, a China apresentava desvantagem comparativa em relação à ASEAN nos setores de produtos eletroeletrônicos, químicos, de base metálica e máquinas. Ao mesmo tempo, o estudo revela que, entre 1996 e 2000, a China possuía uma vantagem comparativa nos setores intensivos em mão de obra, incluindo o vestuário e o setor têxtil como um todo. Ainda assim, havia variações significativas na competitividade entre os diferentes produtos do setor têxtil. Naquele período, a China ainda dependia da importação de alguns tipos tecidos como insumos para a produção de vestuário.

A evolução das vantagens comparativas diversos segmentos que compõem o complexo têxtil - incluindo vestuário, fibras sintéticas e máquinas têxteis - da China é desenvolvida com mais profundidade em Chi et al. (2006). O desempenho da China é comparado com quatro grupos de países: alta renda, média-alta renda, média-baixa renda e baixa renda. Embora a análise deste trabalho não se concentre diretamente na relação entre China e ASEAN, alguns países da região, como Malásia (média-alta renda), Tailândia (média-baixa renda) e Indonésia (baixa renda), aparecem em diferentes grupos. Entre 1985 e 2003, de modo geral, no que se refere ao vestuário, a China ampliou sua vantagem competitiva em relação a todos os grupos, exceto de baixa renda. No entanto, os autores não consideram o impacto das políticas industriais, comerciais e dos acordos firmados no período, baseando-se apenas na análise quantitativa dos dados.

Tongzon (2005) já discutia se a relação comercial entre China e ASEAN era predominantemente competitiva ou complementar e destacava o papel dos baixos salários chineses como fator de competitividade perante a ASEAN. Entretanto, esse cenário se transformou ao longo dos anos, e a literatura mais recente demonstra que os salários chineses já não são os mais baixos do Sudeste Asiático (Mendoza et al., 2015). Ainda assim, mesmo com o aumento dos salários chineses, a estrutura da pauta exportadora da China e da ASEAN permanece semelhante e a literatura permanece discutindo se esta relação se caracteriza pela competitividade ou complementaridade. Nesse sentido, para Mendoza et al. (2015) ainda não estaria claro se a China e ASEAN estão se tornando grandes parceiros comerciais ou grandes competidores entre si. As trocas bilaterais aumentam a medida que a competição aumenta, já que produzem e exportam bens similares para destinos similares.

Chang et al. (2022) analisam essa dinâmica por meio de indicadores e concluem que a eficiência da produção chinesa é maior que a média internacional, conferindo-lhe grande e crescente vantagem competitiva. Já a ASEAN, apesar de avanços, continua apresentando índices inferiores, com Myanmar e Vietnã se destacando como os países mais competitivos da região. Em termos de complementaridade, os cálculos indicam que, embora flutuante, o índice de complementaridade comercial entre China e ASEAN permanece elevado, sugerindo uma forte interdependência produtiva.

Apesar desses avanços, o debate na literatura sobre o tema é incipiente e ainda precisa ser aprofundado. Há um consenso que a China, mesmo com políticas industriais focadas em setores de maior intensidade tecnológica, ainda possui a maior competitividade do mercado não só no setor de vestuário mas no setor têxtil como um todo. No entanto muitas análises estão desatualizadas ou não consideram as transformações estruturais recentes que a indústria chinesa que o governo tem promovido nos últimos anos.

Dessa forma, a próxima seção examinará alguns indicadores-chave, como produção, exportação, market-share, saldo comercial e vantagens comparativas, buscando compreender como essas mudanças têm reconfigurado o panorama regional no contexto do "novo normal".

3. Base de dados e metodologia

Para realização dos cálculos de indicadores descritos na metodologia a seguir, foram utilizados dados de

comércio (exportações e importações) entre a China e os países da ASEAN (Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Singapura, Tailândia e Vietnã). Os dados foram obtidos através da base de dados da UN Comtrade com periodicidade anual no período de 2014 à 2022. Para manter o foco da investigação deste trabalho e dialogar com a literatura existente, foi escolhido o produto de número 62 do HS Codes 2017, correspondente ao vestuário comum (*Apparel and clothing accessories; not knitted or crocheted*). Esta categoria foi selecionada por ser tradicionalmente intensiva em mão de obra, característica sensível para a nossa análise, uma vez que, no novo normal chinês, os crescentes salários chineses são vistos como um obstáculo para manutenção do setor na zona costeira do país.

Com o intuito de avaliar o impacto das políticas chinesas na produção e comercialização de vestuário da ASEAN, o presente trabalho adota duas abordagens principais. A primeira emprega uma metodologia exploratória dos dados de comércio exterior, com foco em indicadores como exportação, importação, participação de mercado e saldo comercial. Esta abordagem permite descrever a situação mais recente do comércio regional do setor. Para avaliar a participação de mercado (market-share) das exportações de vestuário (produto de código 62 do HS Code) da China e dos países da ASEAN em relação ao total global, será calculado o market-share das exportações. A fórmula geral de cálculo do market-share do produto i pelo país j é dada por:

$$Market - share_{ij} = \frac{X_{ij}}{\sum_j X_{ij}}$$

onde X_{ij} são as exportações do produto i do país j e $\sum_j X_{ij}$ são as exportações globais do produto i . Este indicador permite analisar a trajetória dos países em termos de sua importância relativa no comércio global de vestuário. O objetivo é verificar se o market-share chinês tem se mantido estável, aumentado ou diminuído, e se a ASEAN está ganhando, perdendo ou mantendo sua relevância relativa nesse mercado.

Além da análise relativa da participação de mercado, será avaliado o volume de comércio (exportações e importações) de vestuário em termos absolutos e relativos, tanto da China quanto dos países da ASEAN, em relação ao total mundial. Essa abordagem permitirá verificar não só a evolução das exportações e importações da China e da ASEAN para o mundo em termos absolutos, mas também verificaremos como evoluiu a importância relativa da China na pauta exportadora e importadora em vestuário da ASEAN e vice-versa. Com isso, será possível obter uma visão mais abrangente da dinâmica comercial desses países em relação no contexto global. Para aprofundar ainda mais a análise, será examinada a dinâmica do comércio bilateral de vestuário entre a China e os países da ASEAN. Serão considerados indicadores como exportações, importações e saldo comercial entre os países, expressos em valores absolutos. Dessa forma, será possível caracterizar a trajetória da relação comercial entre os países.

A segunda abordagem principal da metodologia se baseia na utilização da medida sugerida por Balassa (1965) do índice de vantagem comparativa revelada (IVC). Esse indicador compara a parcela exportada de um determinado produto por um país em relação à parcela exportada desse produto no mercado mundial. A fórmula utilizada para encontrar o IVC de exportações do produto i pelo país j em relação ao mundo é dada por:

$$IVC_{i,j} = \frac{\frac{X_{ij}}{\sum_i X_{ij}}}{\frac{\sum_i X_{ij}}{\sum_i \sum_j X_{ij}}}$$

onde X_{ij} representa as exportações produto i do país j , $\sum_i X_{ij}$ representa o total das exportações do país j de todos os produtos i , $\sum_i X_{ij}$ representa o total das exportações do produto i por todos os países j do mundo e, por fim, $\sum_i \sum_j X_{ij}$ representa o total das exportações de todos os produtos i e dos países j do mundo.

Este indicador é amplamente aceito como uma medida da vantagem comparativa de um determinado produto ou de um grupo de produtos em comparação com o mundo ou com um grupo de países. Ele busca revelar se um produto é mais importante para a pauta exportadora de um país do que é para outro. Contudo, ele apresenta um problema de assimetria. Um país possui vantagem comparativa nas exportações de um produto se o indicador é maior do que 1. Se o indicador é menor do que 1, o país possui desvantagem comparativa revelada. Ou seja, o indicador varia de 0 a 1 em caso de desvantagem

comparativa (não especialização no produto) e de 1 a infinito em caso de vantagem comparativa (especialização no produto). Laursen (1998) sugere um ajuste no indicador de IVC para torná-lo simétrico: $(IVC - 1)/(IVC + 1)$. Com este ajuste, o indicador passa a variar entre -1 e 1 e ficou conhecido como índice de vantagem comparativa relevada simétrica. Se o indicador é positivo, há vantagem comparativa; caso seja negativo, há desvantagem comparativa.

Com base nesse conceito, a abordagem desta parte do trabalho foi feita para possibilitar a análise da evolução das competitividade da China e da ASEAN, além de comparar os países entre si. A análise detalha o desempenho da China, da ASEAN como único bloco e dos países da ASEAN individualmente. Todos os IVC calculados foram ajustados conforme Laursen (1998), de modo que eles variam de -1 a 1. Além disso, eles podem ser subdivididos em dois: i) em relação ao mundo e ii) os bilaterais.

Os IVC da ASEAN e da China em relação ao mundo foram calculados utilizando a mesma fórmula apresentada anteriormente. Chamando de $IVCM_{Vest,j}$ o índice de vantagem comparativa de exportações em vestuário do país j em relação ao mundo, temos:

$$IVCM_{Vest,j} = \frac{\frac{X_{Vest,j}}{\sum_i X_{ij}}}{\frac{X_{Vest,Mundo}}{\sum_i X_{i,Mundo}}}$$

sendo que $X_{Vest,j}$ representa as exportações de vestuário do país j, $\sum_i X_{ij}$ representa o total das exportações de todos os produtos i (incluindo vestuário) do país j, $X_{Vest,Mundo}$ representa o total das exportações de vestuário do mundo (isto é, todos os países) e, por fim, $\sum_i X_{i,Mundo}$ representa o total das exportações de todos os produtos i do mundo. Assim, foi calculado o índice de vantagem comparativa revelada da ASEAN em relação ao mundo e da China em relação ao mundo. Dessa forma, será possível comparar o desempenho competitivo da ASEAN (como bloco) e China em relação ao mundo no setor de vestuário.

De maneira similar, o IVC bilateral da ASEAN em relação à China e da China em relação à ASEAN também foram calculados com base da fórmula apresentada anteriormente. Chamando de $IVCA_{Vest,China}$ o índice de vantagens comparativas das exportações de vestuário da China para a ASEAN, temos:

$$IVCA_{Vest,China} = \frac{\frac{X_{AVest,China}}{\sum_i X_{Ai,China}}}{\frac{X_{Vest,China}}{\sum_i X_{i,China}}}$$

onde $X_{AVest,China}$ representa as exportações de vestuário da China para a ASEAN, $\sum_i X_{Ai,China}$ representa o somatório das exportações da China para a ASEAN de todos os produtos i (incluindo vestuário), $X_{Vest,China}$ representa o total das exportações de vestuário da China e, por fim, $\sum_i X_{i,China}$ representa o somatório das exportações de todos os produtos i da China. Este indicador foi calculado de maneira análoga para obtenção do IVC das exportações de vestuário da ASEAN para a China e dos países da ASEAN para a China individualmente. O indicador de vantagens comparativas bilaterais permite revelar a relevância das exportações de vestuário entre a ASEAN e China em relação ao mundo. Ou seja, ele permitirá analisar a importância relativa das exportações chinesas de vestuário para a ASEAN e vice-versa. Se o valor for maior do que 1, então o país tem vantagem comparativa em exportar vestuário para o outro em relação ao mundo. Se for menor do que 1, o país tem desvantagem comparativa em exportar vestuário para o outro em relação ao mundo.

A análise proposta deve proporcionar um entendimento mais aprofundado da evolução recente da dinâmica industrial no setor de vestuário da China e dos países do Sudeste Asiático. Dessa forma, será possível avaliar os possíveis efeitos das políticas do 'novo normal' chinês e dos acordos comerciais firmados entre esses países na produção e comercialização de vestuário na região.

4. Resultados

4.1 Análise do comércio de vestuário: exportações, importações e market-share

Esta seção tem como objetivo descrever os dados de comércio de vestuário da China e da ASEAN, tanto em termos globais quanto no comércio bilateral, no período de 2014 a 2022. Desde os anos 1990, a China se consolidou como a maior exportadora de vestuário do mundo, e essa análise busca explorar as mudanças

recentes nesse cenário. Assim, ao examinar as participações no mercado mundial de exportação de vestuário (Tabela 1), a liderança da China em relação aos outros países não surpreende. Tanto que, durante o período analisado, a China foi capaz de manter uma vantagem de pelo menos 26 pontos percentuais sobre o segundo colocado.

No entanto, observa-se uma mudança na composição do ranking entre os demais países e em suas respectivas participações. Destaca-se o Vietnã, que ocupava a terceira posição em 2014, e avançou para o segundo lugar em 2022, superando a Itália e aumentando sua participação de mercado de 4,89% para 7,27%. Como bloco, a ASEAN manteve-se na segunda posição, mas com um crescimento expressivo de 4,47 pontos percentuais, passando de 8,53% para 13% de participação no mercado global. Esse desempenho contrasta com o dos países europeus, que tiveram avanços modestos ou permaneceram estáveis. Ao mesmo tempo, a China registrou uma redução de 3,6 pontos percentuais em sua participação de mercado, passando de 37,87% para 33,47%. Essa foi a maior queda entre todos os países analisados, enquanto o Vietnã liderou em ganhos, com um aumento de 2,38 pontos percentuais. Apesar da perda, a China ainda se mantém a líder incontestável nas exportações do setor. Entre os dez países que mais ganharam market-share no mesmo período, três pertencem à ASEAN: Vietnã (1º), Camboja (7º) e Mianmar (8º).

Tabela 1 – Maiores “market-shares” de exportação global de vestuário nos anos de 2014 e 2022

	2014	2022
1	China 37.87 %	China 33.47 %
2	Itália 6.59 %	Vietnã 7.27 %
3	Vietnã 4.89 %	Itália 6.59 %
4	Alemanha 4.73 %	Alemanha 5.63 %
5	Índia 4.21 %	Espanha 3.81 %
6	Hong Kong 4.14 %	Índia 3.69 %
7	Espanha 3.44 %	Turquia 3.68 %
8	Turquia 3.07 %	França 3.42 %
9	França 2.87 %	Holanda 3.01 %
10	Reino Unido 2.23 %	Indonésia 2.13 %

Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

A tabela 2, por sua vez, ao mostrar os valores de exportação em vestuário para o mundo da China e da ASEAN, confirma as tendências mostradas na tabela 1. A ASEAN apresentou um crescimento de 61,4% no valor absoluto de suas exportações de vestuário, enquanto a China registrou uma queda de 13,8% no valor exportado durante o período analisado. Nas importações, a China registrou um aumento de 48,9%, enquanto a ASEAN, um aumento em 25,9%.

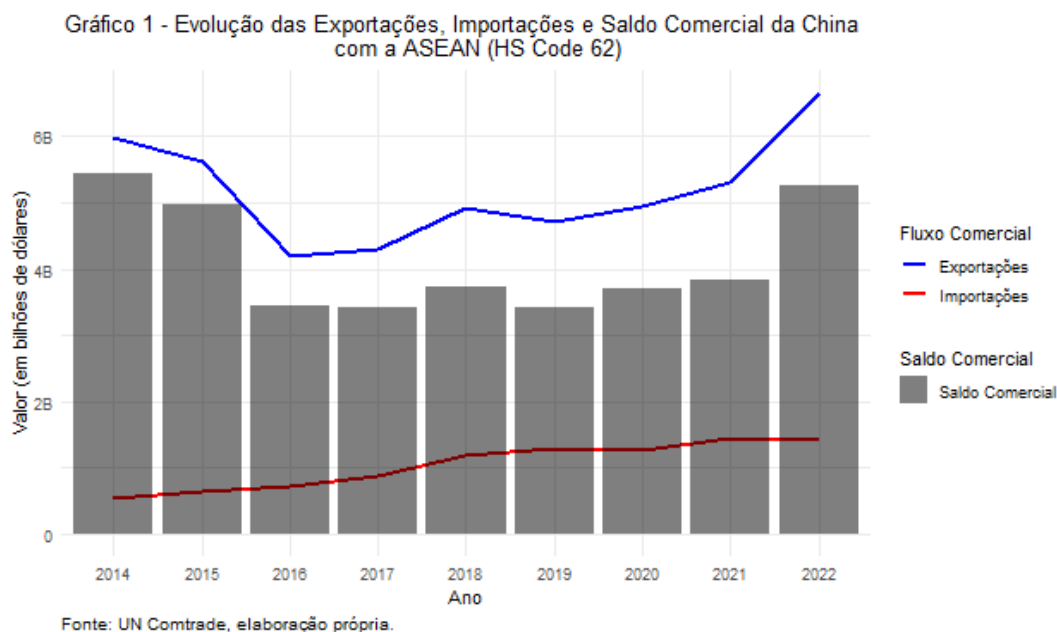
Tabela 2 - Exportações e importações em vestuário da China e ASEAN em relação ao mundo (em bilhões de dólares)

Ano	China		ASEAN	
	Importações	Exportações	Importações	Exportações
2014	3,56	81,45	2,86	18,48
2015	3,72	78,44	2,98	18,80
2016	3,57	72,06	3,19	19,67
2017	3,87	73,41	3,30	21,47
2018	4,16	71,32	3,73	25,71
2019	4,48	66,66	3,69	28,03
2020	4,74	62,28	3,22	24,57
2021	6,07	68,40	2,87	24,30
2022	5,39	76,87	3,60	29,84

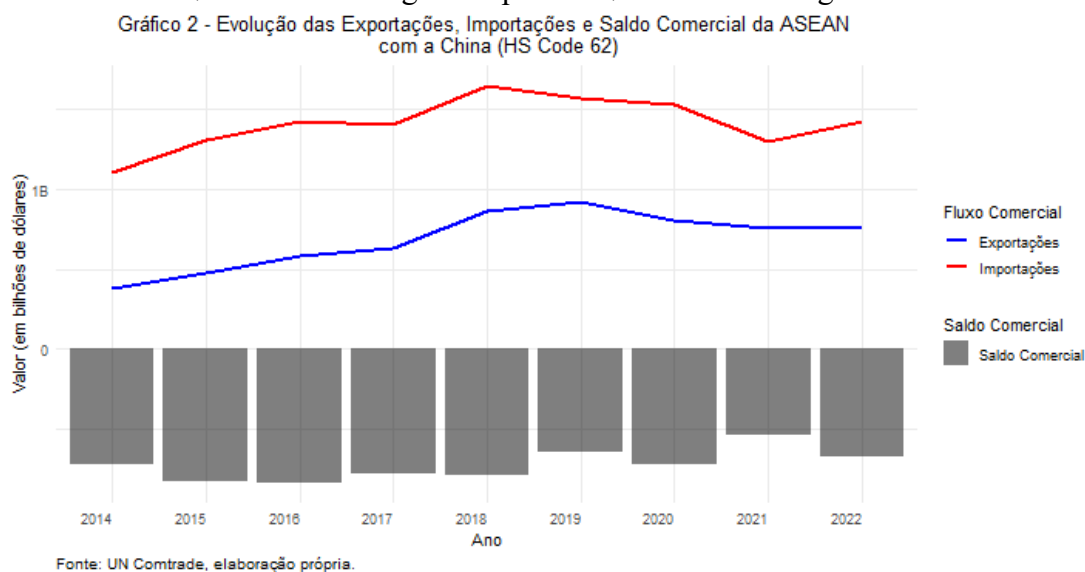
Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

Quando se trata do comércio bilateral de vestuário entre a China e os países da ASEAN, observa-se

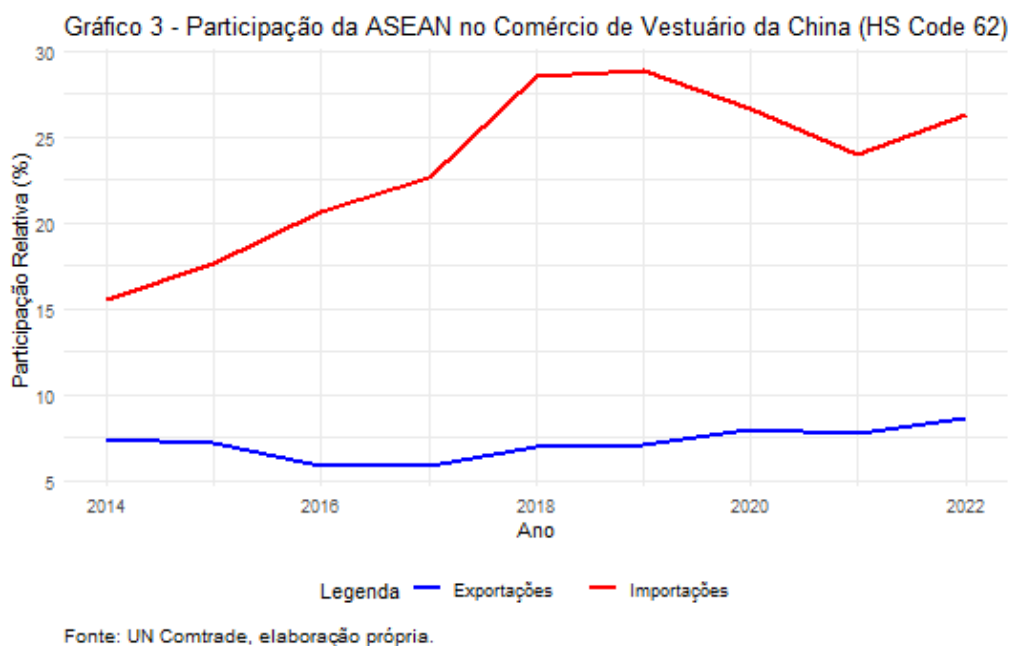
um aumento significativo nas trocas ao longo do período analisado. Conforme mostra o Gráfico 1, a China manteve um saldo comercial positivo com a ASEAN durante todo o período, embora com variações. Houve uma queda nas exportações de 2015 para 2016, resultando em uma breve diminuição do saldo comercial chinês com a ASEAN. No entanto, as exportações voltam a crescer a partir de 2018, atingindo, em 2022, um patamar superior ao de 2014. Entre 2014 e 2022, as exportações chinesas para a ASEAN cresceram aproximadamente 11,42% (de US\$ 5,98 bilhões para US\$ 6,66 bilhões), enquanto as importações aumentaram 156,78% (de US\$ 551 milhões para US\$ 1,4 bilhão). Isso indica que as importações chinesas provenientes da ASEAN cresceram a um ritmo mais acelerado do que suas exportações. Apesar disso, o saldo comercial chinês em 2022 foi apenas US\$ 180 milhões menor do que em 2014, mantendo-se na casa dos US\$ 5 bilhões, dado que as exportações chinesas para a ASEAN continuam significativamente maiores do que suas importações.



Por outro lado, o Gráfico 2 revela que a ASEAN manteve um saldo comercial negativo com a China durante todo o intervalo. As exportações do bloco do sudeste asiático em vestuário para a China cresceram 97,4% (de US\$384 milhões para US\$759 milhões), enquanto as importações aumentaram 29,1% (passando de US\$1,1 bilhão para US\$1,4 bilhão), resultando em uma leve redução no déficit comercial do bloco com a China, passando de US\$720 milhões negativos para US\$667 milhões negativos.



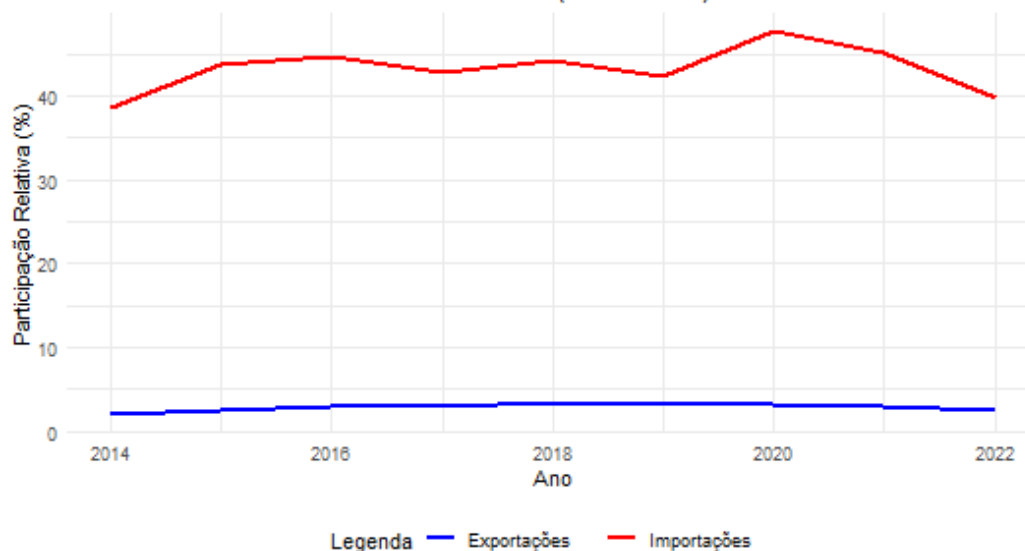
Uma vez analisadas esses dados de comércio entre os países em termos absolutos, resta entender o quão importante a China é para as trocas da ASEAN e vice-versa. Ou seja, vamos verificar a participação relativa desses blocos em suas respectivas exportações e importações de vestuário para o mundo. O Gráfico 3 ilustra o crescente papel da ASEAN como parceiro comercial da China, tanto nas exportações quanto nas importações de vestuário. Durante o período, a China aumentou suas importações de vestuário oriundas do resto do mundo em 51,32%, passando de US\$ 3,5 bilhões para US\$ 5,3 bilhões. Neste cenário, a ASEAN, que era responsável por 15,49% dessas importações, passou a ocupar 26,29% de participação. Ainda assim, a Itália permaneceu como principal fornecedor de vestuário para a China, aumentando sua participação de 17,7% para 28,19% no mesmo período. Em relação às exportações, a ASEAN ampliou sua participação de 7,34% para 9,40%, enquanto os Estados Unidos permaneceram como principal destino das exportações chinesas de vestuário.



Por fim, as participações relativas da China nas exportações e importações de vestuário da ASEAN não sofreram alterações significativas e permaneceram estáveis no período analisado, conforme indicado no Gráfico 4. A China manteve-se como um fornecedor fundamental para a ASEAN, respondendo por quase 40% das importações do bloco no setor de vestuário. No entanto, em relação às exportações da ASEAN, a China não se destacou como um dos principais destinos, representando apenas cerca de 2% do total exportado no período. Isso sugere que, embora as exportações da ASEAN tenham crescido quase 60% entre 2014 e 2022, e as vendas para a China tenham dobrado em termos absolutos, esse aumento não foi impulsionado principalmente pela demanda chinesa. Na realidade, os dados indicam que a ASEAN tem expandido sua presença como exportador para outros mercados além da China.

Em síntese, os dados analisados indicam que, embora a China continue sendo a maior exportadora global de vestuário, tanto em termos absolutos quanto relativos, sua participação no mercado tem diminuído. Paralelamente, a ASEAN, impulsionada principalmente pelo Vietnã, tem ampliado sua participação no setor. A relação comercial entre os dois blocos se intensificou, com as importações chinesas de vestuário oriundas da ASEAN crescendo em ritmo mais acelerado do que suas exportações para o bloco, resultando em uma ligeira redução do superávit comercial da China. Além disso, a ASEAN tem se consolidado como um parceiro comercial cada vez mais relevante para a China. No entanto, a importância relativa da China para a ASEAN manteve-se estável ao longo do período, sugerindo que a ASEAN está expandindo o seu mercado consumidor de vestuário para outros países.

Gráfico 4 - Participação da China no Comércio de Vestuário dos Países da ASEAN (HS Code 62)



Fonte: UN Comtrade, elaboração própria.

4.2 Análise das vantagens comparativas das exportações em vestuário

Com o intuito de entender melhor as relações comerciais entre a China e a ASEAN, foram construídas tabelas que mostram os valores dos índices de vantagem comparativa revelada (IVC) utilizando os dados da UN Comtrade. Diferentemente da análise anterior, que considerava uma periodicidade anual, nesta parte os dados são analisados em intervalos bianuais. As tabelas contêm informações tanto em nível global, considerando a China e a ASEAN como um bloco, quanto em nível individual, analisando cada país da ASEAN separadamente. Para atingir os objetivos deste trabalho, foi aplicada a metodologia descrita na seção anterior, que envolve calcular os índices de vantagem comparativa (IVC) para os produtos de vestuário com ajustes para que os valores variem entre -1 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior é a vantagem comparativa; quanto mais próximo de -1, maior é a desvantagem comparativa. Valores próximos a zero indicam proximidade com a média mundial. Uma parte crucial desta análise é comparar as vantagens comparativas das exportações da China e da ASEAN para o mundo e as vantagens comparativas das exportações da China e da ASEAN entre si, que chamamos de IVC bilateral.

Nesse sentido, a tabela 3 mostra o índice de vantagem comparativa das exportações mundiais em vestuário da China e da ASEAN. Assim, é possível comparar a evolução desses valores durante o período de 2014 a 2022. No início do período, a China possuía um valor relativamente alto de IVC, enquanto a ASEAN registrava valores próximos ao zero. Ao final, observa-se que, enquanto a China perdeu vantagem comparativa, a ASEAN ganhou. O IVC da China passou de 0,498 para 0,373 e da ASEAN passou de 0,101 para 0,221. A China continua possuindo IVC maior, quase o dobro do da ASEAN, mas a diferença entre os dois tem diminuído ao longo do tempo.

Tabela 3 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Ajustado (IVC) das exportações de vestuário da China e da ASEAN em relação ao mundo

Ano	China	ASEAN
2014	0,498	0,101
2016	0,466	0,155
2018	0,439	0,228
2020	0,376	0,236
2022	0,373	0,221

Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

Similarmente, a tabela 4 apresenta o mesmo indicador da tabela 3, mas para cada país da ASEAN individualmente, em vez de considerar o bloco como um todo. Os países da ASEAN possuem comportamentos heterogêneos em relação a indústria têxtil. Nota-se que alguns países possuem desvantagens comparativas e outros possuem vantagens. O Brunei, Malásia e Singapura têm IVC próximos de -1, indicando altas desvantagens competitivas em relação ao mundo. Outros países, como a Filipinas e a Tailândia, possuem IVC negativos, mas não tão baixos quanto o grupo anterior. Há ainda países com IVC intermediário alto, como a Indonésia e o Laos, que apresentam IVC positivo, porém próximos de zero. Por fim, o Camboja, Mianmar e Vietnã destacam-se com o IVC elevados. É notável o crescimento do IVC do Camboja e do Mianmar no período estudado. Em contraste, o Vietnã, que possui o maior market-share em exportações na região, não tem o maior IVC e, ao contrário de sua participação de mercado, registrou uma queda no índice durante o mesmo período.

Tabela 4 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Ajustado (IVC) das exportações de vestuário dos países da ASEAN em relação ao mundo

Ano	Brunei	Camboja	Indonésia	Laos	Malásia	Mianmar	Filipinas	Singapura	Tailândia	Vietnã
2014	-0,992	0,506	0,315	0,622	-0,738	0,752	0,043	-0,809	-0,446	0,715
2016	-0,904	0,610	0,365	0,464	-0,755	0,821	-0,308	-0,757	-0,550	0,680
2018	-0,867	0,795	0,381	0,329	-0,781	0,894	-0,403	-0,734	-0,547	0,680
2020	-0,931	0,845	0,343	0,389	-0,783	0,898	-0,502	-0,779	-0,563	0,626
2022	-0,973	0,860	0,264	NA	-0,846	0,911	-0,411	-0,783	-0,569	0,643

Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

Já os dados da tabela 5 relevam que, no que se refere ao índice de vantagem comparativa das exportações da China para a ASEAN, houve uma redução de 0,308 para 0,092. Ou seja, no período analisado, tornou-se menos vantajoso para a China exportar vestuário para a ASEAN. Por outro lado, o índice de vantagem comparativa das exportações de vestuário da ASEAN para a China permaneceu negativo durante todo o período, indicando que a ASEAN manteve uma desvantagem em exportar vestuário para a China durante todo o período. Contudo, essa desvantagem diminuiu ligeiramente, passando de -0,646 para -0,575.

Tabela 5 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Bilateral Ajustado (IVC) das exportações de vestuário da China em relação à ASEAN e da ASEAN em relação à China

Ano	China	ASEAN
2014	0,308	-0,646
2016	0,133	-0,507
2018	0,160	-0,443
2020	0,085	-0,493
2022	0,092	-0,575

Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

Do mesmo modo, ao analisar os índices de vantagem comparativa das exportações de vestuário dos países da ASEAN para a China de maneira individual (Tabela 6), observa-se que as tendências variam entre os países. Para alguns países como Brunei, Laos, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia, os índices permanecem próximos de -1, indicando uma desvantagem quase total na exportação de vestuário para a China. No entanto, o comportamento de Camboja, Indonésia, Mianmar e Vietnã é diferente. Indonésia, Mianmar e Vietnã perderam vantagem comparativa, cada um em seu próprio nível. O Vietnã, em particular, passou de uma vantagem positiva (0,148) para uma negativa (-0,014) no período analisado. O Camboja, por sua vez, foi o único país a ganhar vantagem competitiva, passando de um valor negativo (-0,072) para um valor positivo (0,626).

Tabela 6 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Bilateral Ajustado (IVC) das exportações em vestuário dos países da ASEAN para a China

Ano	Brunei	Camboja	Indonésia	Laos	Malásia	Mianmar	Filipinas	Singapura	Tailândia	Vietnã
2014	-1,000	-0,072	-0,478	-0,940	-0,976	-0,036	-0,867	-0,993	-0,881	0,148
2016	-1,000	0,107	-0,357	-0,989	-0,954	0,239	-0,961	-0,974	-0,867	0,112
2018	-1,000	0,481	-0,330	-0,956	-0,971	-0,247	-0,934	-0,969	-0,823	0,127
2020	-0,995	0,723	-0,502	-0,994	-0,961	-0,113	-0,947	-0,964	-0,800	-0,016
2022	-1,000	0,626	-0,741	NA	-0,988	-0,130	-0,887	-0,980	-0,888	-0,014

Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

5. Discussão

Andreoni et al. (2019) argumentam que o debate convencional (ou o “mainstream”) na economia sobre política industrial, tanto na academia quanto entre os formuladores de políticas, parece ter perdido a profundidade necessária para a elaboração de estratégias eficazes. Esta superficialidade é evidente em diversos estudos que analisam o setor têxtil, atribuindo o sucesso da China e de outros países asiáticos meramente aos baixos salários encontrados na região. Embora o custo reduzido de mão de obra seja um fator importante, ele não é suficiente para explicar a implementação e o desenvolvimento destas indústrias em países nestes países. Como discutido, o sucesso desse setor na China e nos países da ASEAN que possuem a indústria têxtil exigiu uma coordenação de políticas e um esforço estratégico por parte do Estado. Foram feitas escolhas estratégicas de políticas industriais pelos Estados envolvidos. O presente trabalho entende que, os acordos comerciais estabelecidos entre a China e a ASEAN, nesse contexto, é um dos fatores que, coordenados com outros, impactaram a economia da região. Com o aumento dos custos operacionais na China, especialmente os salários, a cadeia têm sido forçada a se reestruturar em outras localidades. Este trabalho busca contribuir para a literatura ao explorar essa tendência no contexto do “novo normal” chinês, com foco no desempenho da ASEAN nesse cenário.

A partir dos dados apresentados na seção anterior, observa-se que a China, embora continue sendo a maior exportadora mundial de vestuário, tem perdido gradativamente sua participação de mercado. Os dados também revelam que o país mais do que dobrou suas importações de vestuário provenientes da ASEAN em menos de uma década. Esse movimento reflete um estreitamento das relações comerciais entre as duas partes, bem como um aumento da demanda chinesa por produtos têxteis do bloco do Sudeste Asiático. Essa tendência corrobora com as discussões presentes na literatura, que destacam o redirecionamento dos esforços chineses para setores mais intensivos em tecnologia e nos serviços, ao mesmo tempo em que o país busca realocar sua produção têxtil para áreas mais centrais ou para fora de seu território. De fato, a queda do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVC) da China em relação ao mundo e à ASEAN, combinada com o aumento das importações, sugere uma mudança significativa na pauta exportadora do país. Isso indica que a China está diversificando suas exportações, reduzindo sua especialização em vestuário e priorizando outros produtos.

Em contrapartida, a ASEAN vem ganhando espaço no mercado global de vestuário, com destaque para o Vietnã, que se consolidou como um dos principais atores em termos de participação relativa nas exportações mundiais. Dessa forma, a análise dos dados revela que, assim como a China, a ASEAN também está passando por transformações significativas, destacando-se pelo crescimento das exportações de vestuário, tanto em valores absolutos quanto em participação de mercado. Países como Camboja, Mianmar e Vietnã apresentam Índices de Vantagem Comparativa Revelada (IVC) significativamente mais altos que os da China, indicando que suas pautas exportadoras dependem mais fortemente do setor de vestuário do que a média global. Em outras palavras, esses países são mais especializados nesse segmento. É importante ressaltar que os países da ASEAN são bastante heterogêneos, e nem todos desempenham um papel relevante no setor de vestuário. Enquanto alguns, como Vietnã e Camboja, destacam-se como exportadores significativos, outros têm participação limitada nesse mercado. A diversidade dentro do bloco ressalta a importância de análises individualizadas para compreender o papel de cada país no setor de vestuário.

Os dados também revelam que, embora a China mantenha um saldo comercial positivo com a ASEAN e o bloco registre um saldo negativo com a China, nenhum dos dois lados possui vantagens comparativas significativas na troca de vestuário entre si. Ambos apresentam Índices de Vantagem

Comparativa Revelada (IVC) próximos a zero nas trocas bilaterais. Inclusive, muitos países da ASEAN que possuem IVC positivo em relação ao mundo apresentam IVC negativo nas trocas com a China, como é o caso da Indonésia, Laos, Mianmar e Vietnã. Assim, embora o volume comercial entre a China e a ASEAN tenha aumentado, estes IVCs bilaterais baixos indicam que, em termos relativos, nenhum dos dois é o principal destino do outro. Isso faz sentido, considerando que os principais mercados consumidores e importadores de vestuário estão localizados em países desenvolvidos, como Estados Unidos, Europa e Japão. Este trabalho não analisou os destinos das exportações (o que fica como sugestão para estudos futuros), mas as informações disponíveis sugerem que, conforme apontado pela literatura, os países parecem estar competindo entre si nesse setor, especialmente nas exportações para os países desenvolvidos. O Camboja é a exceção, pois é o único país que apresenta alguma vantagem na exportação de vestuário para a China. Ainda assim, o país possui maior vantagem comparativa nas exportações para o mundo do que para a China.

Essa tendência de competição é reforçada pela análise da participação relativa da China nas exportações e importações da ASEAN. Enquanto uma parcela significativa do vestuário importado pela ASEAN vem da China, apenas uma fração mínima das exportações do bloco tem a China como destino. Essa relação manteve-se estável ao longo do período analisado, mesmo com o aumento dos valores absolutos.

Portanto, embora os dados oficiais da ASEAN (ASEAN-China Free Trade Area Business Portal, 2024) indiquem que as trocas comerciais entre a ASEAN e a China têm crescido e que, desde 2020, ambos são os principais parceiros comerciais um do outro, isso não se reflete em um aumento da importância relativa da China nas exportações e importações de vestuário ASEAN, nem no aumento das vantagens comparativas nas exportações de vestuário da ASEAN para a China e vice-versa. Isso sugere que outros produtos, além do vestuário, estão desempenhando um papel mais relevante nessas trocas comerciais. A identificação desses produtos, no entanto, permanece como uma questão a ser explorada em estudos futuros.

A partir destes resultados e da discussão, pode-se afirmar que, apesar das mudanças promovidas pelo Estado chinês no 'novo normal' e dos acordos comerciais de livre comércio estabelecidos na região, as transformações no setor têxtil têm ocorrido de forma gradual. O vasto complexo industrial têxtil da China ainda deve permanecer relevante por um bom tempo, e uma migração significativa do setor para outras localidades não deve ocorrer em curto ou médio prazo, dada a importância e o volume do setor para a economia chinesa, bem como a dificuldade de outros países absorverem uma capacidade de produção equivalente. Essas transformações ressaltam a complexidade da reestruturação industrial e a necessidade de políticas adaptativas, tanto na China quanto na ASEAN.

6. Considerações finais

O problema de pesquisa deste trabalho consistiu em compreender como a interação comercial entre China e ASEAN – mediada por acordos como o ACAFTA (Área de Livre Comércio ASEAN-China), o RCEP (Parceria Regional Econômica Abrangente) e pelas estratégias chinesas do Novo Normal (como o *outsourcing*) – influencia a reorganização da cadeia produtiva de vestuário regional. Ou seja, o estudo buscou responder à pergunta de como as políticas adotadas pela China, incluindo as iniciativas do Novo Normal e os acordos comerciais, impactam o setor têxtil da ASEAN e a dinâmica comercial regional relacionada a esse setor. Para isso, foi aplicada uma metodologia exploratória dos dados comerciais disponibilizados pela UN Comtrade de 2014 a 2022, complementada pelo cálculo e análise de indicadores de competitividade, como o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVC).

Os resultados mostram que alguns países da ASEAN têm se beneficiado dessas políticas, posicionando-se como uma alternativa atrativa para investimentos chineses, já que as exportações para a China e para o mundo tem aumentado, além do aumento seus índices de vantagem comparativa, principalmente nos índices em relação ao mundo. Dessa forma, este estudo não apenas atualiza a literatura sobre o tema, mas também destaca a importância das políticas industriais e dos acordos comerciais como pilares para o desenvolvimento econômico regional. A transformação na pauta exportadora chinesa, com a diversificação para setores de maior valor agregado, reforça a relevância dessas políticas e da integração regional para a dinâmica do comércio internacional.

Além disso, os dados sugerem que a relação entre China e ASEAN no setor de vestuário é, na

verdade, complexa. Embora os acordos de livre comércio indiquem uma parceria comercial, os países também podem ser competidores, já que as vantagens em exportar vestuário por parte da ASEAN tem aumentado para o mundo, mas não para a China. De todo modo, enquanto a China busca focar em produtos de maior intensidade tecnológica e nos serviços, a ASEAN tem ganhado espaço no mercado de vestuário, o que pode ser visto como complementar aos objetivos chineses. Sugere-se que a relação entre China e ASEAN não deve ser vista apenas como uma competição ou parceria, mas como uma combinação de ambos, dependendo do produto ou do setor. Enquanto a China prioriza setores de maior valor agregado, a ASEAN tem a oportunidade de se consolidar como um hub de produção de vestuário, beneficiando-se, assim, das políticas chinesas e dos acordos comerciais regionais.

Uma limitação deste estudo é a análise restrita ao produto vestuário (HS Code 62). O complexo industrial têxtil é mais amplo e inclui segmentos como máquinas têxteis e fibras sintéticas, que são essenciais para a cadeia de valor. Uma investigação futura sobre esses segmentos, como a realizada por Chi et al. (2006), poderia fornecer insights adicionais sobre a evolução das relações comerciais e industriais entre China e ASEAN. Essa análise mais abrangente permitiria um panorama mais completo da dinâmica regional e das interações entre os países.

Referências bibliográficas

- ASEAN BRIEFING. ASEAN's Free Trade Agreements: An Overview. **ASEAN Briefing**, 2024. Disponível em: <https://www.aseanbriefing.com/news/aseans-free-trade-agreements-an-overview/>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- ASEAN-CHINA FREE TRADE AREA PORTAL. **ASEAN-China Free Trade Area**. Disponível em: <http://www.asean-cn.org/>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- ASEAN SECRETARIAT. **ASEAN-China Economic Relation**. Disponível em: <https://asean.org/our-communities/economic-community/integration-with-global-economy/asean-china-economic-relation/>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- BALASSA, B. Trade liberalization and "revealed" comparative advantage. **The Manchester School**, v. 33, n. 2, p. 99-123, 1965. DOI: 10.1111/j.1467-9957.1965.tb00050.x.
- CHIANG, Min-Hua. China–ASEAN economic relations after establishment of free trade area. **The Pacific Review**, 2018. DOI: 10.1080/09512748.2018.1470555.
- CHANG, H.; ANDREONI, A. The political economy of industrial policy: Structural interdependencies, policy alignment and conflict management. **Structural Change and Economic Dynamics**, v. 48, p. 136–150, 2019.
- CHI, T.; KILDUFF, P. An assessment of trends in China's comparative advantages in textile machinery, man-made fibers, textiles and apparel. **Journal of The Textile Institute**, v. 97, n. 2, p. 173–191, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1533/joti.2005.0159>.
- FREDERICK, S.; GEREFFI, G. Upgrading and restructuring in the global apparel value chain: why China and Asia are outperforming Mexico and Central America. **International Journal of Technological Learning, Innovation and Development**, v. 4, n. 1/2/3, p. 67–95, 2011.
- GARCIA, R. et al. **Perspectivas do investimento nas indústrias de bens e salários**. Rio de Janeiro: Projeto PIB: Perspectivas do investimento no Brasil. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- GEREFFI, G. International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain. **Journal of International Economics**, v. 48, n. 1, p. 37–70, 1999.
- HOU, J.; GELB, S.; CALABRESE, L. The shift in manufacturing employment in China. **Supporting Economic Transformation**, agosto 2017.
- HU, A. Embracing China's "New Normal": Why the Economy Is Still on Track. **Foreign Affairs**, maio/jun. 2015.
- KLAVEREN, M. van; TIJDENS, K. **Mapping the global garment supply chain**. WageIndicator Foundation, Amsterdam, ago. 2018.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar de. Economia e política do desenvolvimento recente na China. **Revista de Economia Política**, v. 19, n. 3 (75), p. 496-516, jul./set. 1999. DOI: 10.1590/0101-31571999-1082.
- NASSIF, A. Estratégias de Desenvolvimento em Países de Industrialização Retardatária: Modelos

Teóricos, a Experiência do Leste Asiático e Lições para o Brasil. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 135-176, jun. 2005.

PAVITT, K. Sectoral patterns of technical change. **Research Policy**, n. 13, p. 343–373, 1984.

RICARDO, D. **On the Principles of Political Economy and Taxation**. London: John Murray, 1817.

RODIL-MARZÁBAL, Ó.; GÓMEZ PÉREZ, A. L.; CAMPOS-ROMERO, H. The global textile and apparel value chain: From Mexico–US–China linkages to a global approach. **Economies**, v. 10, n. 258, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/economies10100258>.

SMITH, A. **The Wealth of Nations**. Vol. I e II. Letchworth, UK: Aldine Press, 1964.

SUZIGAN, W. Elementos essenciais da política industrial. In: ALBUQUERQUE, E. **Metamorfoses do capitalismo e processo de catch-up**. 2014.

VAIDYA, K.; BENNETT, D.; LIU, X. Is China’s manufacturing sector becoming more high-tech? Evidence on shifts in comparative advantage, 1987-2005. **Journal of Manufacturing Technology Management**, v. 18, n. 8, p. 1000-1021, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1108/17410380710828307>.

XINHUA NEWS. China and ASEAN announce major progress in CAFTA 3.0 upgrade. **Xinhua News**, 2024. Disponível em: <https://english.news.cn/20240129/42ea50dac21849ebab471a6c650e6102/c.html>. Acesso em: 21 jan. 2025.

ZHANG, M.; KONG, X. X.; RAMU, S. C. The transformation of the clothing industry in China. **ERIA Discussion Paper Series**, fev. 2015.

ZHU, S.; PICKLES, J. Bring In, Go Up, Go West, Go Out: Upgrading, regionalisation and delocalisation in China’s apparel production networks. **Journal of Contemporary Asia**, v. 44, n. 1, p. 36–63, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/00472336.2013.801166>.